

# TRANSCORRE HOJE O CENTENÁRIO DO POETA E JORNALISTA JOSÉ PAULINO DE AZURENHA

A data de hoje assinala o centenário do nascimento de José Paulino de Azurenha, que foi figura de felêvo na nossa imprensa, tendo sido redator do "Correio do Povo" desde o primeiro número, em 1895, até seu falecimento, em 1909.

Nascido em Pôrto Alegre, a 28 de maio de 1860, Paulino de Azurenha, de condição humilde, estudou, na meninice, um pouco de belas letras e foi aprender o ofício de tipógrafo, para ganhar a subsistência.

Inteligente, estudioso e dotado de fina sensibilidade artística, sempre, porém, achou meios de conciliar o rude prosaísmo da vida de operário com as sutis idealidade de um intelectual por excelência.

Assim, ao mesmo tempo que, como tipógrafo, se fizera verdadeiro artista, ia, também, como poeta e prosador, burlando versos e crônicas de uma encantadora delicadeza.

Em 1892, já trabalhava na redação do "Jornal do Comércio", passando em 1895 para o "Correio do Povo", onde exerceu profícua atividade até a morte prematura, a 3 de julho de 1909.

Foi aqui, principalmente, com o seu "Semanário", publicado em rodapé, aos domingos, sob o pseudônimo de "Léo Pardo", que se engrandeceu a sua auréola de intelectual.

Fazendo o elogio de seu dedicado companheiro de lutas jornalísticas, escreveu Caldas Junior: "Calmo, refletido, íntegro e competente, Paulino de Azurenha era, nesta casa, um consultor e um conselheiro, a quem todos recorriam, em situações embaraçosas, para lhe pedir a opinião, sempre esclarecida, e o parecer, sempre ponderado".

— x —

Em 1906, ausentando-se em viagem às Repúblicas do Prata, Caldas Junior confiou a redação do jornal a Azurenha, que deu cabal desempenho à honrosa incumbência. Por essa ocasião, seus companheiros de trabalho, por sugestão do inesquecível gerente João Obino, fizeram-lhe uma demonstração de apreço, ofertando-lhe um mimo. Depois de vários oradores, falou Caldas Junior, contando como conheceu seu talentoso companheiro, nas oficinas do "Jornal do Comércio", onde atuava como gráfico dos mais hábeis daquela época.

Trabalhava muitas horas por dia, de pé, junto à caixa de tipos, com o componedor em punho, e ainda encontrava tempo e ânimo para ler bons autores e escrever lindos versos e crônicas estilizadas.



PAULINO DE AZURENHA

Quando teve conhecimento das disposições intelectuais do jovem tipógrafo, Caldas Junior exigiu que ele deixasse a oficina, para ocupar o lugar que lhe cabia na redação, ao que ele acedeu após muita relutância.

O fundador do "Correio do Povo" recordou esse fato não para se vangloriar do gesto que tivera, mas tão somente para exaltar uma das muitas virtudes de Paulino de Azurenha, que, desde aquela época até então, vivia a seu lado, dando a todos os companheiros constantes provas de lealdade, de contração ao trabalho e de proficiência.

— x —

Aquiles Pôrto Alegre, a quem nossa terra ficou devendo valiosos trabalhos de evocação, de história e de poesia, em um de seus livros ocupou-se de Paulino de Azurenha, fazendo um apêlo no sentido de que os admiradores do extinto literato reunissem em volume uma seleção de suas crônicas, a fim de que não ficassem esquecidas nas páginas do jornal.

A louvável idéia só foi concretizada em 1926, quando, por iniciativa do brilhante intelectual Mansueto Bernardi, a Livraria do Globo editou os "Semanários" de Léo Pardo, com um prefácio de Zeferino Brasil.

Paulino de Azurenha foi aluno do Seminário Episcopal, sob os cuidados do magnífico prelado D. Sebastião Dias Laranjeira, tendo sido seu primeiro professor o jovem padre português Antonio dos Santos Reis.

Naquele estabelecimento, Azurenha estudou com férrea vontade,

formou rijamente o seu caráter, e fortaleceu a sua fé. Esteve mesmo inclinado ao sacerdócio, não se sabendo porque não seguiu a carreira eclesiástica. Mas conservou, durante toda sua existência, os sentimentos religiosos, a ponto de alguns íntimos o chamarem de Erei Paulino.

— x —

Homem de imprensa, Paulino de Azurenha, embora retraído e à penumbra, esteve sempre atento ao que acontecia além de seu tugúrio. — "As suas antenas sutilíssimas — disse um biógrafo — captavam palpitações do mundo exterior e, nos seus "Semanários" em secções do jornal intituladas "Notas Avulsas", "Notas à Margem", para assuntos gerais, em "Tagarelíce" e "Carrapichos", entre outras, em que derramava o seu humor, fazia o comentário dos fatos do dia, com critério, leveza e graça".

Monarquista convicto, militou entre os liberais do Império, partilhando ativamente do movimento em prol da abolição da escravatura.

Proclamada a República, formou no Partido Federalista, de Silveira Martins, que declarava ser "o primeiro dos rio-grandenses".

Foi numa sexta-feira, 2 de julho de 1909, pouco antes do meio-dia, quando se achava de pé, ao lado de sua mesa, que Azurenha tomou abruptamente sobre o assoalho, ao tremendo peso de uma embolia cerebral.

Levado à sua residência, faleceu no dia seguinte. E, desde esse momento, embora passados 50 anos, o nome de Paulino de Azurenha ainda vive entre os que trabalham no "Correio do Povo", do qual foi um dos primeiros e dedicados artefices.

Seu nome, em uma placa de rua, torna perene a sua memória na cidade natal.

**TONICO IRACEMA**

contra

- queda de cabelos
- Cabelos brancos
- Caspas

**DÁ BELEZA E VIGOR PENTEADO**

Faleceu quinta-feira, Antônio Assis Republicano, considerável compositor patricio. Nascido em Porto Alegre a 15 de novembro de 1897, veio cedo para o Rio de Janeiro, matriculou-se na Escola «15 de Novembro», onde estudou música com o prof. José Belisário de Santana. Ali teve oportunidade de se familiarizar com todos os instrumentos da banda de música juvenil, passando em breve a lecionar os seus colegas. No Instituto Nacional de Música (Escola Nacional de Música desde a sua incorporação à Universidade do Brasil) estudou fagote com Agostinho Gouveia, completando o curso em 1924, recebendo, com o seu concerto para Fagote e Orquestra, as laureas máximas (distinção e louvor e medalha de ouro), único premiado daquela escola, desde a sua fundação, no que se refere ao seu instrumento. Paralelamente ao estudo do fagote, fez os de Harmonia, com Agnelo França, e de Contra-Ponto, Fuga, Orquestração e Composição com Francisco Braga. Já antes da conclusão desses cursos, a Sociedade de Concertos Sinfônicos, sob a regência de Francisco Braga, executou o seu poema sinfônico «Ubirajara» (22 de outubro de 1921); e logo após aquela conclusão de estudos, em 1925, a mesma orquestra, dirigida pelo seu mestre Braga, executou outro poema sinfônico, «O Navio Negreiro», que obteve gerais aplausos. A 3 de outubro do mesmo ano, o empresário Walter Mocchi apresentou no Municipal a sua primeira ópera, «O Bandeirante» sobre libreto do grande poeta simbolista paranaense Silveira Neto, obra que valeu para os seus autores um prêmio conferido pela Câmara de Vereadores. Em 1926, o regente italiano Gino Marinuzzi organizou, no antigo Teatro Lírico, um festival de suas obras, dirigindo em 1.ª audição a sua «Primeira Dança Brasileira».

Depois de uma *tournee* de concertos em S. Paulo e no Rio Grande do Sul (1927), foi nomeado (1938) professor de Contraponto, Fuga e Composição do Conservatório Mineiro de Música, tendo em Belo Horizonte organizado, a convite de Gustavo Campanema, Secretário do Interior, um «Corpo de Música», da Força Pública de Minas Gerais, composto de 300 coristas e 160 instrumentistas. Em 1934 foi designado para dirigir a cadeira de Análise Harmônica e Construção Musical da Escola Nacional de Música, onde mais tarde fez concurso para livre-docência dessa disciplina e para a de Harmonia Elementar e Superior. Em 1947 foi nomeado, por concurso, catedrático de Teoria Musical, sendo transferido, pela Congregação da Escola, para a cátedra de Instrumentação e Orquestração, que ocupou até falecer. Além da ópera «O Bandeirante», já mencionada, escreveu «A Natividade de Jesus», «mistério» da autoria do Conde de Afonso Celso. Foi, esse oratório, apresentado em forma de ópera, com um Epílogo representando a Crucificação, e levado à cena em 25 de março de 1937, no Municipal. Foi essa a primeira ópera sobre a qual, recém-nomeado na vaga de Oscar Guanabarrino, escrevi nas colunas deste «Jor-

nal do Commercio». (Nota curiosa: um ano depois, Republicano se me queixava de nada ter escrito sobre aquela sua obra!) Escreveu ainda outras óperas: «As Amazonas», libreto do poeta Theodorik de Almeida; «Os Guararapes» (premiada pelo Congresso Nacional), ainda inédita como «O Ermitão da Glória», libreto, de Salvatore Ruberti, baseado na novela de José de Alencar, e que está programada para a temporada nacional do Municipal deste ano. Assis Republicano deixa, além dessas, outras obras, sobretudo sinfônicas: «Duas Danças Brasileiras»; «Improviso sobre um Tema Brasileiro», para Violoncelo e Orquestra; «Concerto para Violino e Orquestra» (que Oscar Borgerth executou, não há muito, sob regência do autor); «Concerto para Trompa em Fá e Orquestra»; 2 Sinfonias para grande orquestra; o bailado Narciso; uma Sinfonia para grande orquestra, solos, 2 coros e banda, «para a Confraternização dos Povos das Américas». Além disso, um Quarteto de cordas, canções e peças para diversos instrumentos.

Assis Republicano é, nos termos do Decreto-Lei n. 4.545, de 31-7-42, o autor da orquestração do Hino Nacional Brasileiro, que veio substituir a de Leopoldo Miguéz. Na Academia Brasileira de Música ocupava ele a Cadeira n. 42 (hoje extinta, porquanto o número de cadeiras passou de 50 para 40).

O extinto era casado em segundas núpcias com a senhora Gilda Republicano, funcionária da Câmara dos Deputados, e deixa, dos dois matrimônios, vários filhos. O enterramento realizou-se anteontem.

Assis Republicano impôs-se sobretudo como um forte orquestrador e instrumentador de banda. De acordo com a orientação, recebida de Francisco Braga, e predominante na época, entre nós, o seu feito sinfônico era predominantemente wagneriano e mais ainda o de Richard Strauss. O mais importante louvor ao seu merecimento deveu-o ele ao grande Villa-Lobos, que assim se externou a seu respeito (apud Renato Almeida, «História da Música Brasileira», 2.ª ed., pág. 479): «É um compositor de fartos recursos técnicos e de um fraseado espontâneo e agradável, digno por todos os títulos de ser conhecido e admirado por quantos se interessam pela música no Brasil».